



ARTICLES:

Christina Civantos. "The Pliable Page: Turn-of-the-21st-Century Reworkings of Villaverde's *Cecilia Valdés*." 2

Guadalupe Gerardi. "Interrogating Monstrosity and the Grotesque in Griselda Gambaro's *Nada que ver* and *Nada que ver con otra historia*." 13

Rodrigo Viqueira. "La escritura fonográfica de Rodolfo Walsh: La grabadora y la disputa por la voz obrera en *¿Quién mató a Rosendo?*." 21

Daniel Arbino. "'Together We're Strong': Cross-Cultural Solidarity in Angie Cruz's *Dominicana*." 30

Marisela Fleites-Lear. "Miamiando: Performing Cubanness in the Time of Elián in Jennine Capó Crucet's *Make Your Home Among Strangers*." 40

Teddy Duncan, Jr. "Politics of Dismissal and Death: *Tentacle*, Necropolitics, and the Political Subject." 49

Cynthia Martínez. "The Ghost and the Double: Identity, Migration, and Storytelling in Francisco Goldman's *The Long Night of White Chickens*." 54

CREATIVE:

Lucía E. Orellana Damacela. "Blues." 65

Esteban Córdoba. Two short stories: "Espera" and "Risco." 69

Paul Evaristo García. "Darkest Before Dawn." 71

Ana Duclaud. "Alto Oleaje." 76

Alexander Ramirez. "The Decay of the Angel." 79

Shane Blackman. Three Sonnets: "Listen to Irene Cara", "Octavio Paz and the Nobel", "The Goals of Diego Maradona." 83

Allen Zegarra Acevedo. "Los de arriba." 85

Elliott Turner. "El Cautiverio." 87

Erika Said Izaguirre. "Del north al south." 95

Thomas Glave. "But Who Could Have Known? (Grief, Gratitude)." 104

Óscar Gabriel Chaidez. "Yuma." 111

REVIEWS:

Nuevos fantasmas recorren México. Lo espectral en la literatura mexicana del siglo XXI.
Por Carolyn Wolfenzon. Madrid-Frankfurt am Main: Iberoamericana -Vervuert, 2020. 338 páginas.
Reviewed by: Roberto Cruz-Arzabal. 115

Le Maya Q'atzij/Our Maya Word: Poetics of Resistance in Guatemala. By Emil Keme'.
University of Minnesota Press, 2021. 258 pages
Reviewed by: Ignacio Carvajal. 117

Centenary Subjects: Race, Reason, & Rupture in the Americas. By Shawn McDaniel.
Vanderbilt University Press, 2021. 282 pages.
Reviewed by: Anibal González Pérez 119

Falso subalterno. Testimonio y ficción en la narrativa chilena de postdictadura.
By José Salomon Gebhard. Santiago: Piso Diez Ediciones, 2021. 196 pages.
Reviewed by: Ana Traverso Münnich 121

Two Short Stories: “Espera” and “Risco”

Esteban Córdoba

BIOGRAPHICAL NOTE: Esteban Córdoba received his doctorate in Hispanic Languages and Literatures from UCLA, where he also received his bachelor’s in Comparative Literature and master’s in Portuguese and Latin American Studies. Currently, he is an Assistant Professor in the World Languages and Literature at CSUSB.

Espera

Pela dificuldade de conseguir passagens de última hora, cheguei ao Rio de Janeiro à meia-noite, num ônibus distinto do que havia anunciado e ninguém me esperava. Saí da rodoviária e peguei um taxi para a casa da minha tia.

Não era a minha primeira vez na cidade, quando criança vira com meu pai assistir um jogo da seleção no Maracanã. Porém uma viagem só, nunca fizera. O motorista parou num prédio em frente do Hospital Português na rua Riachuelo. Subi ao décimo andar e batei na porta. Tia Irene me recebeu com um grande beijo na bochecha e me levou ao quarto onde ia ficar os próximos dias.

—Fique à vontade, viu?

—Brigado, tia.

—Não há comida em casa, mas há uma lanchonete na esquina se estiver com fome. Aqui deixo vinte reais.

Deixei minha mochila na cama, peguei a grana e a chave e descí. Andei uns metros até chegar ao Big Bi. Sentei e pedi um misto quente. Enquanto esperava a comida, um vira-lata se aproximou de mim e começou a lambear minha perna; o empurrei com meu pé, mas o cão me continuava a encher o saco com insistentes carinhos. Peguei o misto quente e dei metade para meu novo amigo.

Saí e caminhei de volta ao apartamento. A casa estava em completa escuridão e, sem fazer muito barulho, fui até meu quarto. Tirei meus sapatos e me deitei na cama. Meus olhos me pesavam cada vez mais. Sentia-me só.

Abri minhas pálpebras e percebi que a janela estava aberta. A luz do sol me feria. Levantei-me e fui até a cozinha. A minha tia deixou uma nota: “Teve que sair, volto logo, come algo.”

O porteiro me abriu a porta e enquanto saí notei que o vira-lata estava fora me esperando. Caminhei e o cachorro começou a me seguir. Andei pelo centro por várias horas e o meu novo amigo não me abandonava; ele estava feliz da vida me acompanhando a qualquer lugar que eu fosse. Cansado e com sono decidi voltar para casa.

A seguinte manhã acordei e preparei dois mistos quentes. Saí do prédio, mas o cachorro já não estava. Subi até meu quarto e decidi dormir.

Risco

Sábado à tarde, Maria resolveu andar de bicicleta. Pensou que ajudaria a esquecer o que acontecera. Queria que tudo voltasse à normalidade, mas sabia que a imprensa não abafaria o escândalo da festa. Sem fazer muito barulho saiu pela porta traseira. Fazia muito que não se dava tempo para ela mesma, ansiava ouvir a voz de seus pensamentos mais recônditos. O dia estava como nunca, o sol radiava como se fosse pleno verão e o céu humildemente carecia das pomposas nuvens que sempre apareciam por aquela época. Enquanto saía do prédio, Maria se deparou com dona Fernanda que estava na banca de jornal comprando cigarros.

—Fala Maria bonita!

—Tudo bem, dona Fernanda?

—Tuuudo, onde que cê vai?

—Sei não.

—Como assim? Uma moça tão bonita...

—Até mais!

Não tinha interesse de bater papo com ninguém, só desejava sentir o vento atingir seu exíguo corpo enquanto pedalava. Respirou profundamente e começou a recorrer a cidade; as ruas estavam desertas, oferecendo uma sensação maior de liberdade. Por um instante pensou que o mundo seria melhor assim, desabitado. Era um enjoo ver tanta gente o dia todo. O ruído da cidade afligia o mais fundo do seu ser. Sempre imaginara morar numa aldeia, afastada de todos e tudo, porém, nunca teve coragem de largar sua família.

Depois de várias horas pedalando, parou num botequim e pediu uma cerveja. Sentou-se e esperou que a garçonete trouxesse seu pedido. O lugar estava praticamente vazio, com exceção de um rapaz que almoçava e lia um jornal. Ficou um tempo fitando a maneira que riscava certas palavras no fino papel, pensando como nunca fora tratada assim com tanta delicadeza. O garoto, de súbito, apercebeu que a moça sentada em frente dele chorava, e como não gostava de ver mulher com lágrimas, resolveu tentar remediar o mal que atingia a triste criatura. Com balbuciantes determinações, se aproximou a ela sem saber muito bem que dizer. Surpresa, a jovem pegou um guardanapo e enxugou as gotas salgadas que saíam de seus olhos.

—Posso sentar?

—Pode.

—Meu nome é André.

—Maria.

—Prazer.

—Favor...me desculpe.

—Imagina.

—Quer cerveja?

—Brigado.

Passaram mais de uma hora conversando entre risos e sorrisos. A tristeza havia desaparecido por completo do agora jucundo rosto da moça. O rapaz, apercebendo que o sol estava por se ocultar, propôs à moça ir embora.

—Aonde vamos?

—Me segue.

Levantaram-se da mesa e começaram a caminhar com pressa. O moço queria chegar à praia antes que escurecesse, mas não foi possível. O sol desaparecera caprichosamente no horizonte, deixando apenas uns vestígios de luz na planície. Chateado, sentou na areia e fechou os olhos. Não vai dar certo agora.

—Não fique assim.

—Mas queria te mostrar

—Sei...

Maria se aproximou a ele e lhe deu um pequeno beijo na bochecha. Por um instante a moça conseguiu apagar tudo que havia acontecido. O som do mar trazia um sossego ansiado.

—Você é a menina da festa...

—Quê?

—Sei que é você.

—Hein?

—Risquei seu rosto.